

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Luiz Carlos da Silva

**A FORMAÇÃO DA IMAGEM:  
ANOTAÇÕES SOBRE IMAGEM E MEMÓRIA**

Belo Horizonte

2018

Luiz Carlos da Silva

## **A FORMAÇÃO DA IMAGEM: ANOTAÇÕES SOBRE IMAGEM E MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao colegiado de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Desenho

Orientadora: Patricia Franca-Huchet

Belo Horizonte  
2016

“Instrumento que se move por si mesmo, meio que inventa seus fins, o olho é aquilo que foi sensibilizado por um certo impacto do mundo e o restitui ao visível pelos traços da mão”.

(MERLEAU-PONTY, 2004, p.20)

Aos amigos Álvaro Augstan e Manassés Muniz, que participaram desta construção; ao professor Roberto Bethônico, à professora Juliana Gouthier e principalmente à minha orientadora Patricia Franca-Huchet.

## **A lição de pintura**

Quadro nenhum está acabado,  
disse certo pintor;  
se pode sem fim continuá-lo,  
primeiro, ao além de outro quadro  
que, feito a partir de tal forma,  
tem na tela, oculta, uma porta  
que dá um corredor  
que leva a outra e a muitas outras.

João Cabral de Melo Neto

## RESUMO

O trabalho, ou seja, as imagens constituem-se e tomam forma revelando novas lembranças. Podem suscitar (ou não) memória em cada espectador para o qual se direcionam. Logo, a proposição dessa ideia é envolver a superfície do suporte, da tela, do papel, ou qualquer outro material como um véu, problematizando e explorando a composição e suas possibilidades na constituição da imagem, assim como o **Ser**. Poder-se-ia pensar esse véu que mostra mais do que esconde, mostra aos olhos de quem deseja ver, não ver o que se vê apenas. Mas também o que se envolve em sua total escuridão e explosões em cores quentes e frias. Sugerindo atmosferas várias, que atraem e ao mesmo tempo causam uma estranheza por não se entregarem facilmente. As formas geométricas que surgem no processo não existem de imediato, surgem de um longo processo de ressignificação através de rastros, marcas, gestos, manchas e linhas anteriormente traçadas por pinceladas livres, espontâneas em alguns momentos, que acabam revelando a atração que as envolve. As imagens nos levam ao encontro de formas fluídas onde está marcante seu movimento contínuo, que em qualquer momento podem sofrer novas interferências, novas camadas de tinta ou, melhor dizendo, influência de novas “sensações” por elas causadas.

Palavras-chave: Gesto; Imagem; Memória; Ser.

## ABSTRACT

The artwork, that is to say, the image, constitute themselves and take shape revealing new memories. They may arouse or may not, a memory in each spectator to whom they are addressed to. Therefore, the purpose of this idea is to involve the supporting surface, the canvas, the paper or any other material as a veil, problematizing and exploring its composition of the image, as well as of the **existence**. Thinking of this veil that shows more than it hides, it shows to the eyes of those who want to see it, not only seeing what is seen. But also, what is involved in its total darkness and explosions in warm and cold colors. Suggesting several atmospheres that cause some strangeness, as they do not surrender themselves easily. The geometric forms that appear in the process do not exist at that moment; instead, they arise from through traces, (brush) marks, gestures, spots and lines previously traced by free brush strokes, which are spontaneous in some moments and up revealing the attraction that involves them. The images in which their continuous movement is marked, and at any moment they may suffer from new interferences, new layers of painting or rather, the influence of new “sensations” caused by them.

Keywords: Gesture; Image; Memory; Existence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – CÉZANNE, Paul. A Montanha.....	27
Figura 2 – CÉZANNE, Paul. A Montanha.....	52
Figura 3 – RESENDE, Marco Túlio. Sem título.....	53
Figura 4 – RESENDE, Marco Túlio. Sem título.....	54
Figura 5 – RESEMDE, Marco Túlio. Sem título.....	55
Figura 6 – RESENDE, Marco Túlio. Sem título.....	56
Figura 7 – AUGUSTO, Fernando. Sem título.....	57
Figura 8 – AUGUSTO, Fernando. Sem título.....	58



## SUMÁRIO

<b>No Começo.....</b>	<b>10</b>
<b>Distorcendo a Percepção.....</b>	<b>24</b>
<b>Fechamento.....</b>	<b>58</b>
<b>Referências.....</b>	<b>61</b>
<b>Anexo I – Caderno.....</b>	<b>63</b>

## NO COMEÇO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em forma de ensaio leva a pensar o acaso e o devir na formação da imagem, bem como a representação e o “uso” do movimento “gestual” na constituição desta mesma imagem, de maneira que as próprias sensações tomem a forma de um portal para a constituição desta; isto é: como criação e (ou) memória (memória involuntária), aquela que se perde, que reencontramos, “imagens internas” que se formam em nosso corpo, que não se podem controlar. As imagens surgem de formas indefinidas e, assim, continuam a aparecer através de uma temporalidade vivenciada, tal como o “Ser.” Logo, o intuito de minha prática é manter-me em contínua constituição: como embriagar-me dentro do próprio processo, de modo que possa de mim esquecer o suficiente para continuar existindo e constituindo-se desta mesma forma sempre, pois a vida pulsa. Creio que o que dá forma a este “Ser” são as memórias, sejam elas claras, definidas no tempo e espaço, ou as que nos pegam de surpresa, rememorações que nos fazem refletir a sua estranheza. Talvez essas memórias não tenham relação imediata com o ser, porém, sobrevivem, para em algum momento emergirem de lugares que a imaginação nos faz resgatar. O que deu origem a este processo de criação foi, talvez, a paixão pelo desenho. Não a paixão de hoje, mas o desejo que existe em muitos dentre nós. O desenho surge de formas muitas vezes indefinidas, através de linhas

e da própria justaposição de cores, sendo construído com o movimento que o envolve no processo.



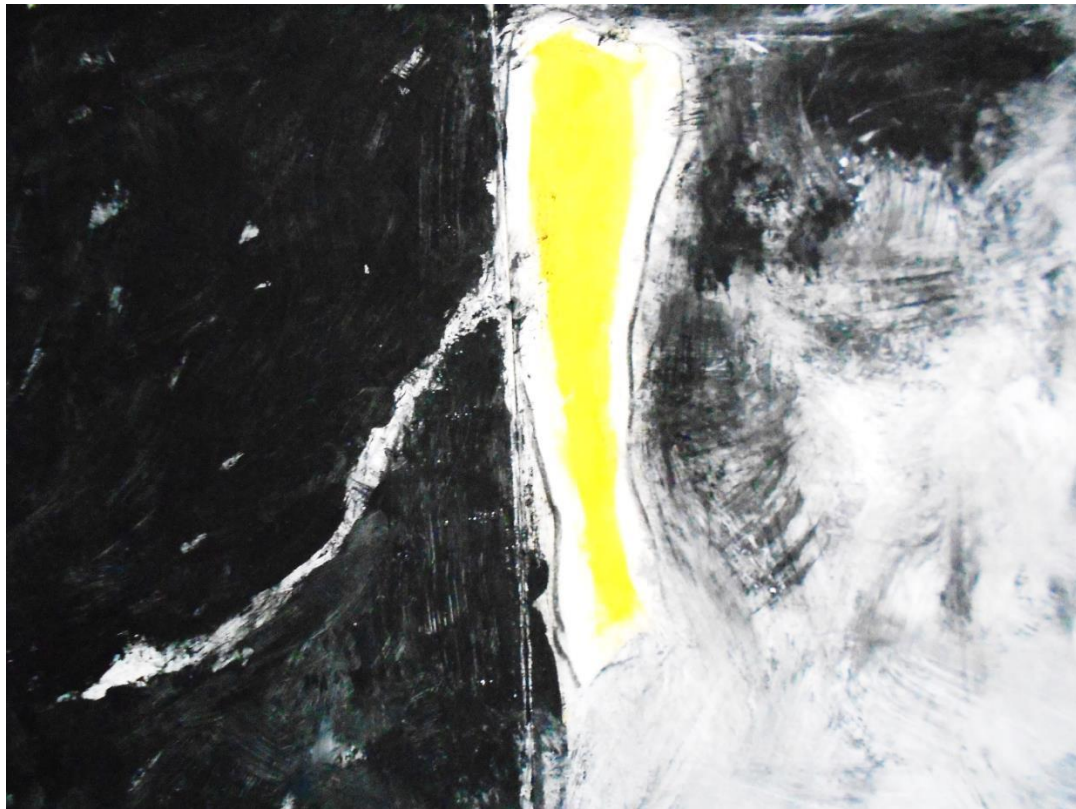
Caderno de anotações, s/título 2015.



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.

É a partir desses movimentos e acontecimentos que me aproximo da superfície, da materialidade, onde a forma opaca prende-me e me faz refletir em sua existência, em sua permanente fluidez, pois as formas em linhas ou manchas sugerem uma contínua busca a algo ainda não definido, mas que expõe algumas sensações, que me acalmam e me provocam em alguns momentos. Um exemplo poderia ser o de quando somos crianças e aventuramo-nos em desenhos por nós criados que até então nos envolve de alegria pelo simples ato de criar, o que acaba constituindo “imagens independentes”, onde o pictural e a linha, naquele momento, para o desenho, atraem-se. Imagens que revelam, em vários momentos, o que não é percebido. A intuição e o inconsciente são nossos guias certos. O caminho é estabelecido, nem sempre nesta ordem, da prática para a sensação, para o conhecimento, para a doação. O desejo do desejo de saber é constante no processo. O processo de criação, creio, remeter-me à um tempo bem anterior a este atual momento. São memórias de sensações e imagens vivenciadas em momentos de intensa sensibilidade ao novo, a tudo que me causava prazer, alegria e inquietações. As experiências no Atelier durante minha formação ou construção foram de uma longa procura e continuam sendo, é bom frisar. Árduas batalhas ao encontro de algo que, de alguma maneira, provoquem, façam-me pensar naqueles momentos de envolvimento com imagens em formação, como mencionei no início deste ensaio. As imagens tiveram como referência o corpo tanto como representação, a princípio, quanto como meio de onde essas novas imagens surgiam e surgem todo momento.

São, a princípio, linhas, manchas, marcas, gestos que por mais aleatórios que possam parecer, na verdade estão carregados de memórias.

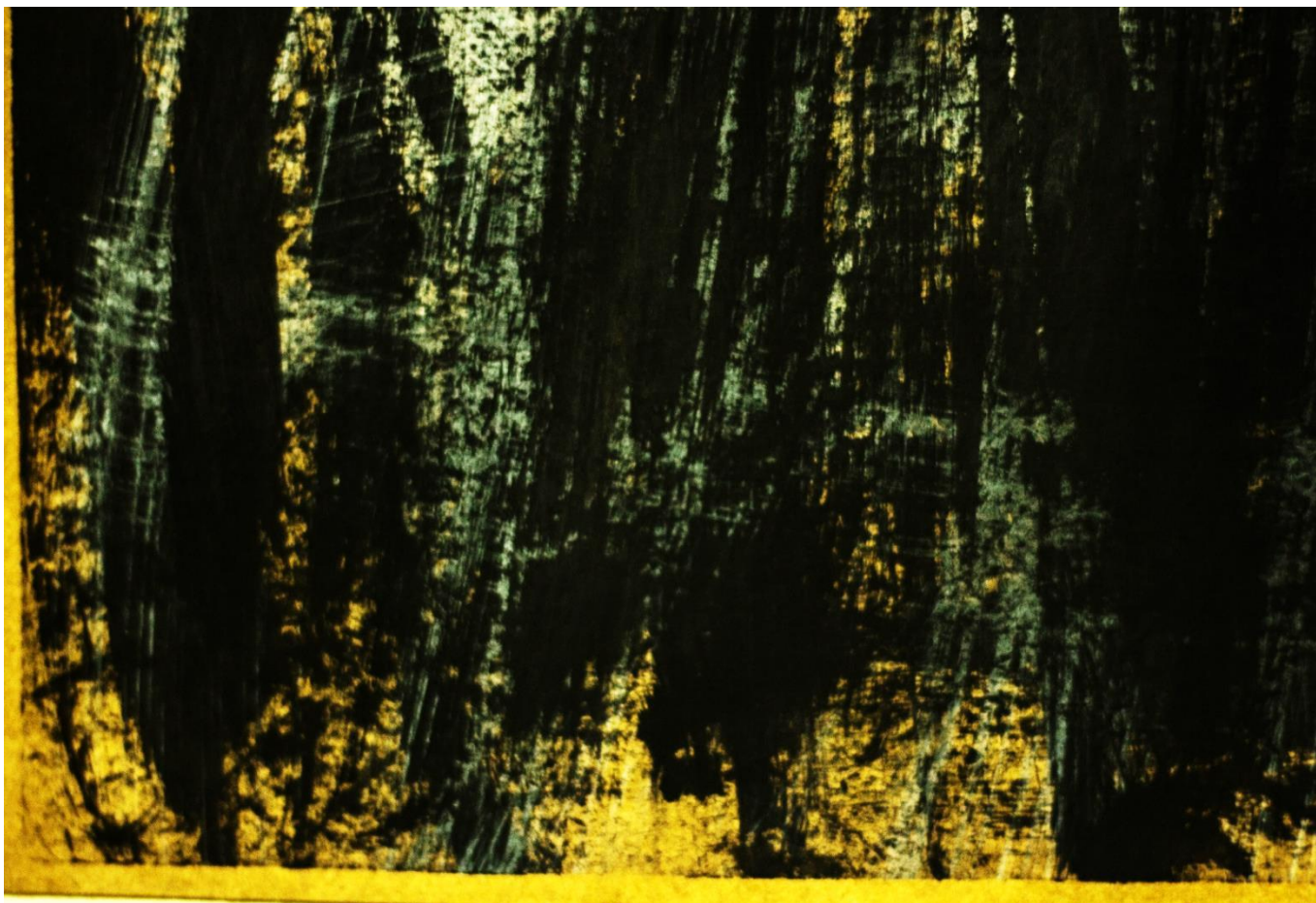


Caderno de anotações, s/titluo 2015.



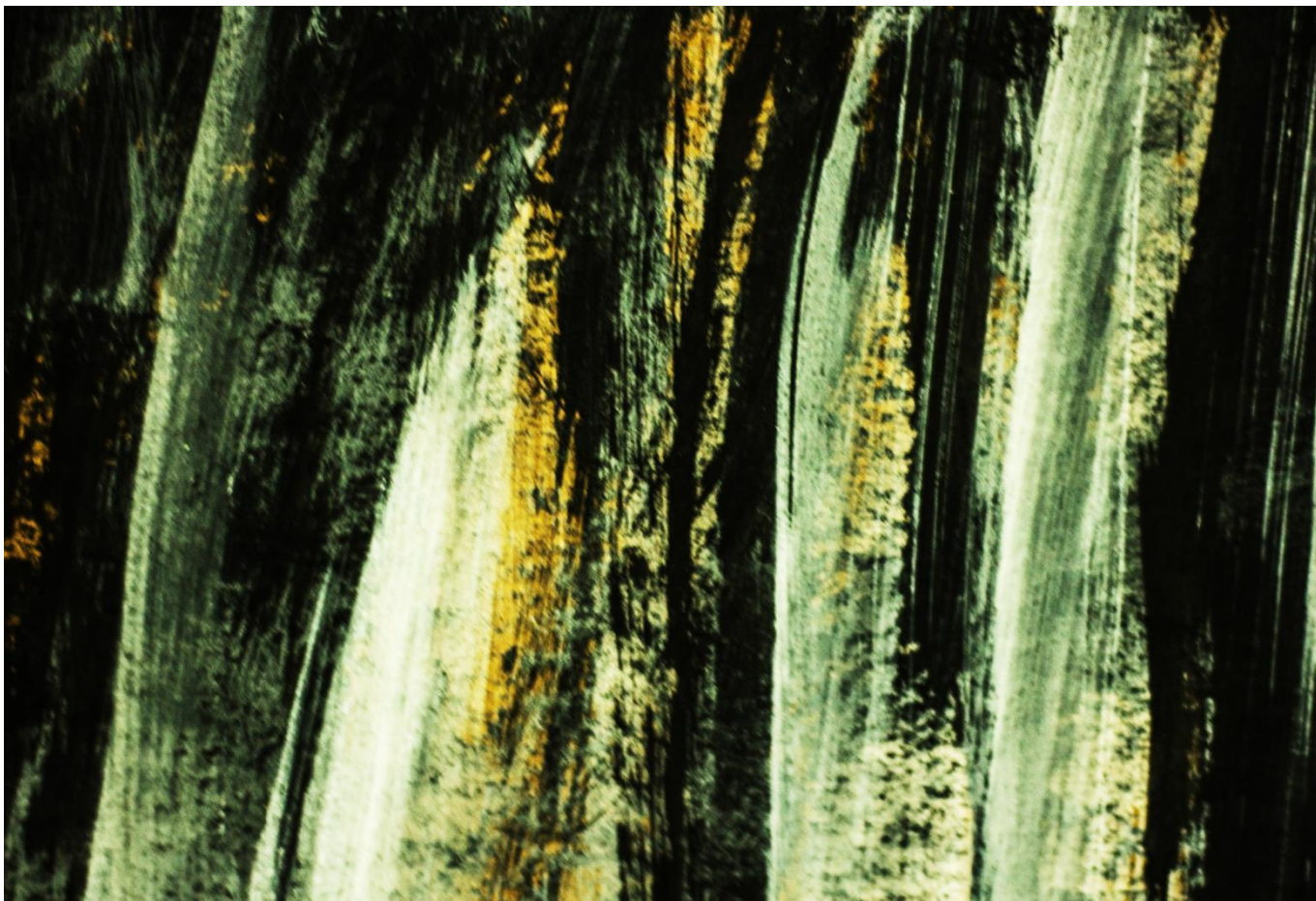


Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.



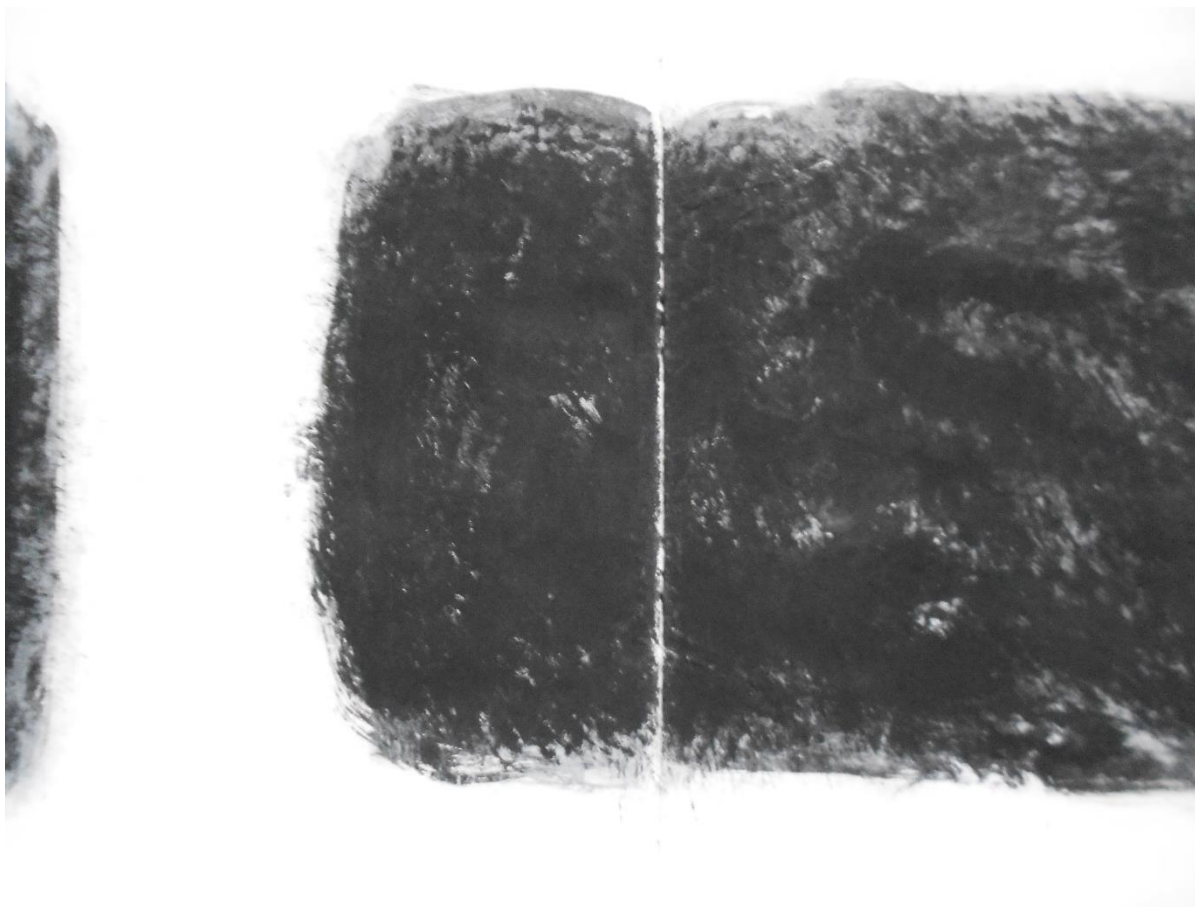
Detalhe





Detalhe

Essas memórias surgem desse processo de maneira, a princípio, intuitiva, como é natural em todo processo de criação, e inconsciente, porém, são os movimentos que levam à apresentação das sucessivas camadas de tinta, algumas percebidas num primeiro olhar, outras exigem muito de minha atenção e de meu corpo. Em alguns momentos começo com o branco e então são sucedidas outras camadas de tinta, como o vermelho, amarelo e o azul, em formas de linhas, considerando suas diferentes espessuras, movimento, e a fluidez de suas manchas. Seria a procura por algo que realmente remetesse a momentos de meu envolvimento com o desenho, por exemplo, que me fez pensar em imagens que de alguma forma resgatassem as sensações e questionassem o próprio conceito de imagem, já que neste momento, no atelier, ainda era muito forte a figuração. Foi através da figuração em gestos rápidos que pudessem, de alguma forma escapar, pois ainda não me sentia seguro nem provocado. Este processo de criação é construído ao acaso em alguns momentos, os fatos e movimentos passam por uma manipulação, porém os acontecimentos são importantes na construção do pensamento com relação à materialidade surgida nesta ressignificação de suas formas, onde é marcante o envolvimento das sensações por elas próprias causadas. É a busca de uma imagem de certa forma opaca e não definida que me prenda o olhar.



Caderno de anotações, s/titlulo 2015.





Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.

Segundo DELEUZE, “são os acontecimentos que tornam a linguagem possível.” (2011, p.187), E são esses acontecimentos que trazem com eles memórias, lembranças de sensações que em algum momento me tocaram e, ao olhá-las, elas também me atingem, deixando suas marcas. São essas marcas, gestos que com o movimento me envolvo em imagens, que ao serem construídas geram novas sensações, e por elas continuam em contínua constituição.

“É oferecendo seu corpo ao mundo que o pintor transforma o mundo em pintura. Para compreender essas transubstanciações, é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão e de movimento”. (MERLEAU-PONTY, 2004 p.16)

Em o *Olho e o Espírito* Merleau-Ponty fala da importância do movimento para o “ver”, e de como nosso corpo e nosso espírito são atingidos e reagem ao olharem um objeto.



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.



Detalhe

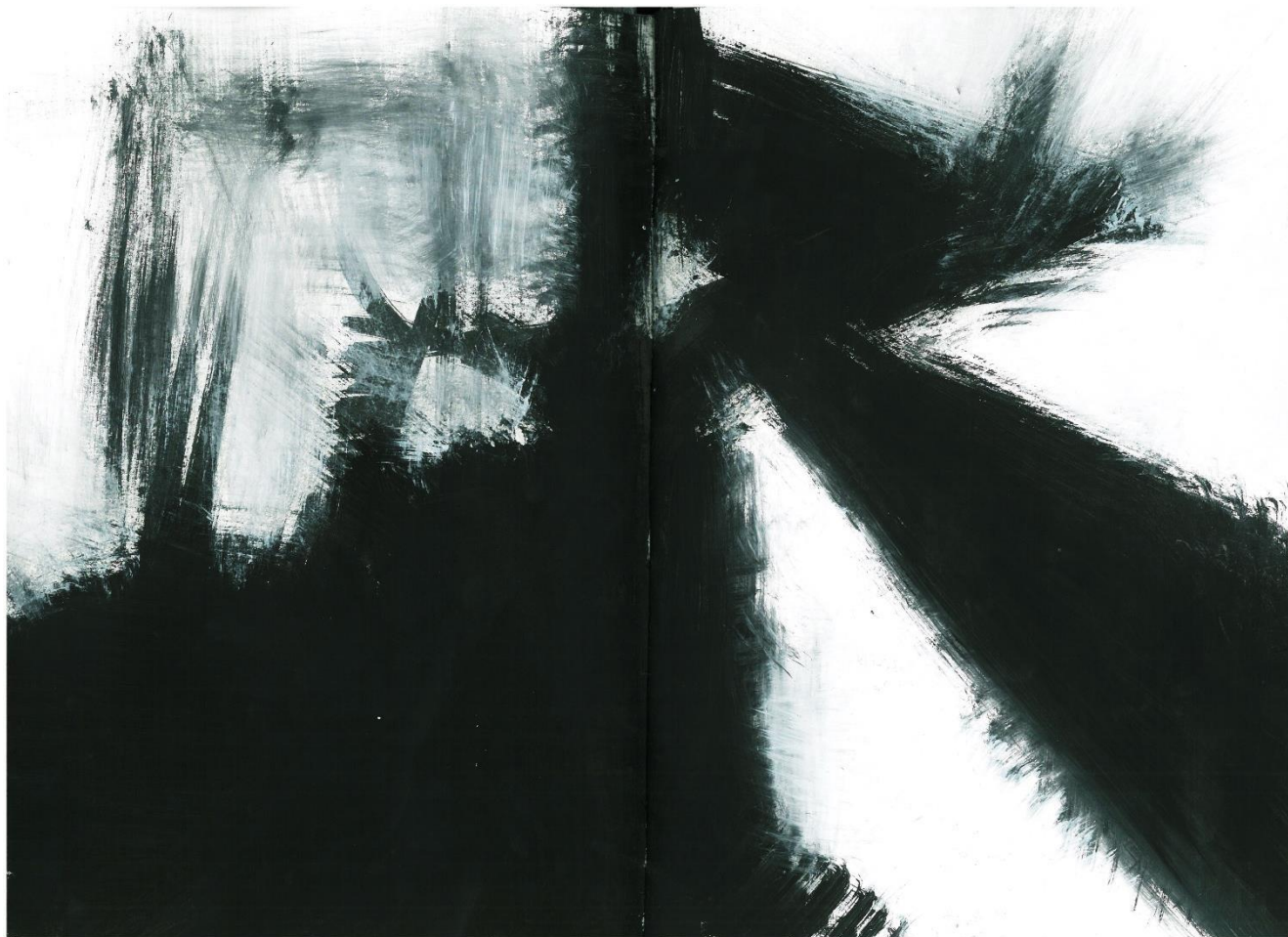
## DISTORCENDO A PERCEPÇÃO

A memória é pensada enquanto algo muito próximo, tão próximo que chega a distorcer nossa percepção. Apesar da não figurabilidade, ainda assim é possível a memória existir pelas manchas e pelo processo, e dentro do processo é possível atingir outros patamares de memória, tanto de imagens como de vivências, sejam elas passadas ou recentes. Não nos deixamos sentir por necessitarmos de algo mais concreto, algo que às vezes ocupe um lugar estável e sólido. Daí a importância do movimento, do gesto na revelação de lembranças que escapam da nossa memória; mas, que ao mesmo tempo impulsionam o próprio gesto como uma ponte para o abstrato e o concreto. Uso aqui uma citação sobre a importância do gesto ao atuar com o acaso no processo, de DUCHAMP:

Uma partida de xadrez é uma coisa visual e plástica, e se não é geométrica no sentido estático da palavra, é mecânica, desde que se move, é um desenho, é uma realidade mecânica. As peças não são belas por elas mesmas, assim como a forma do fogo, mas o que é belo – é o movimento. No xadrez, existe sem dúvida, coisas extremamente belas no domínio do movimento, mas não no domínio visual. Imaginar o movimento ou o gesto é que faz a beleza neste caso. Esta completamente dentro da massa cinzenta. (CABANNE, 2012 p.28)



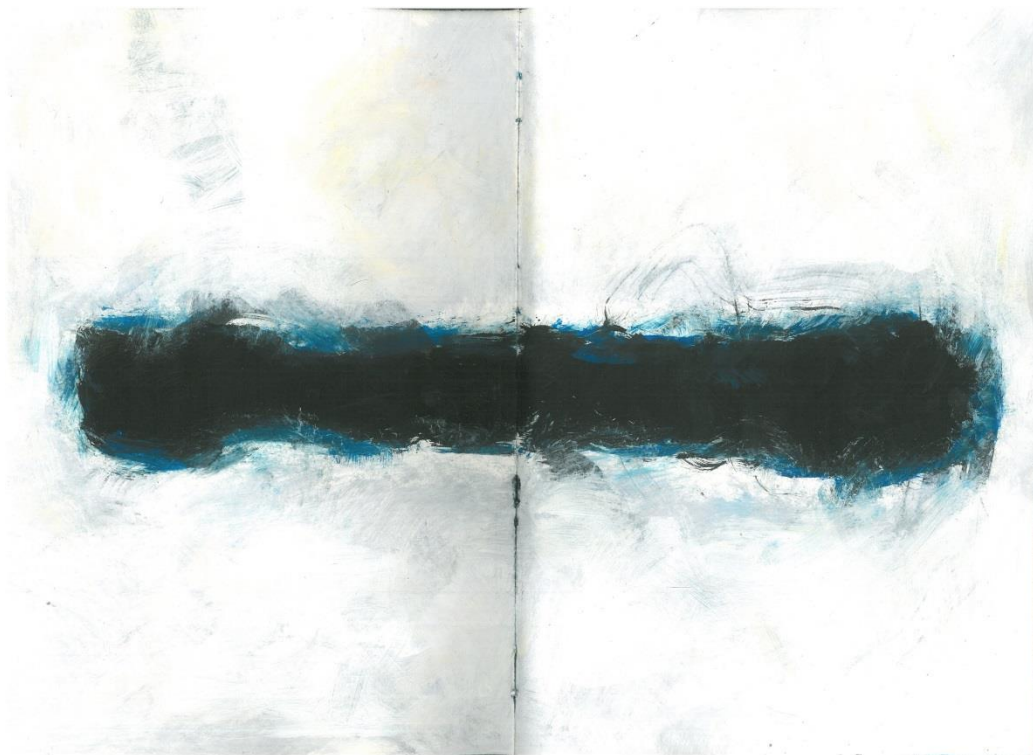
Esses gestos no xadrez podem nos atrair o olhar, e a partir daí pensarmos em sua materialidade. Os acontecimentos logo tomam forma provocando pensamentos. A mão se antepõe à visão, ou pelo menos tenta, bem como, da mesma forma, à memória. É a mão que atua aqui como um disparador de possibilidades, pois seu envolvimento com o suporte chega a ser contrário a este, pois é no suporte em branco que se encontram todos os clichês. A memória muitas vezes impede sua livre circulação em formas de linhas e manchas, pois todas as imagens estão ali em latência. A linha atua sempre como pensamento racional e concreto, induzindo, em certos momentos, uma estabilidade e afirmação ou confirmação da memória, da vastidão de algo mais profundo. Já a mancha, neste caso, atua como possibilidade de rememoração, não de uma lembrança pontual, mas já a alimentar a imaginação. Às vezes, a mancha aparece sem contornos, e, aos poucos, adquire espessura, visualidade, revelando sensações, se assim o observador “desejar”, já que para mim ela é evidente. Nas palavras de Paul Cézanne, *“A sensação se explica como um fenômeno alimentado pela memória, pelo desejo e pela imaginação e implica a (organização consciente) das sensações”*. (2011, p. 23)



Caderno de anotações, s/título, 2015.



Figura 1: A Montanha Sainte-Victoire, Fonte: CÉZANNE, Ano..



Caderno de anotações, s/titluo 2015.

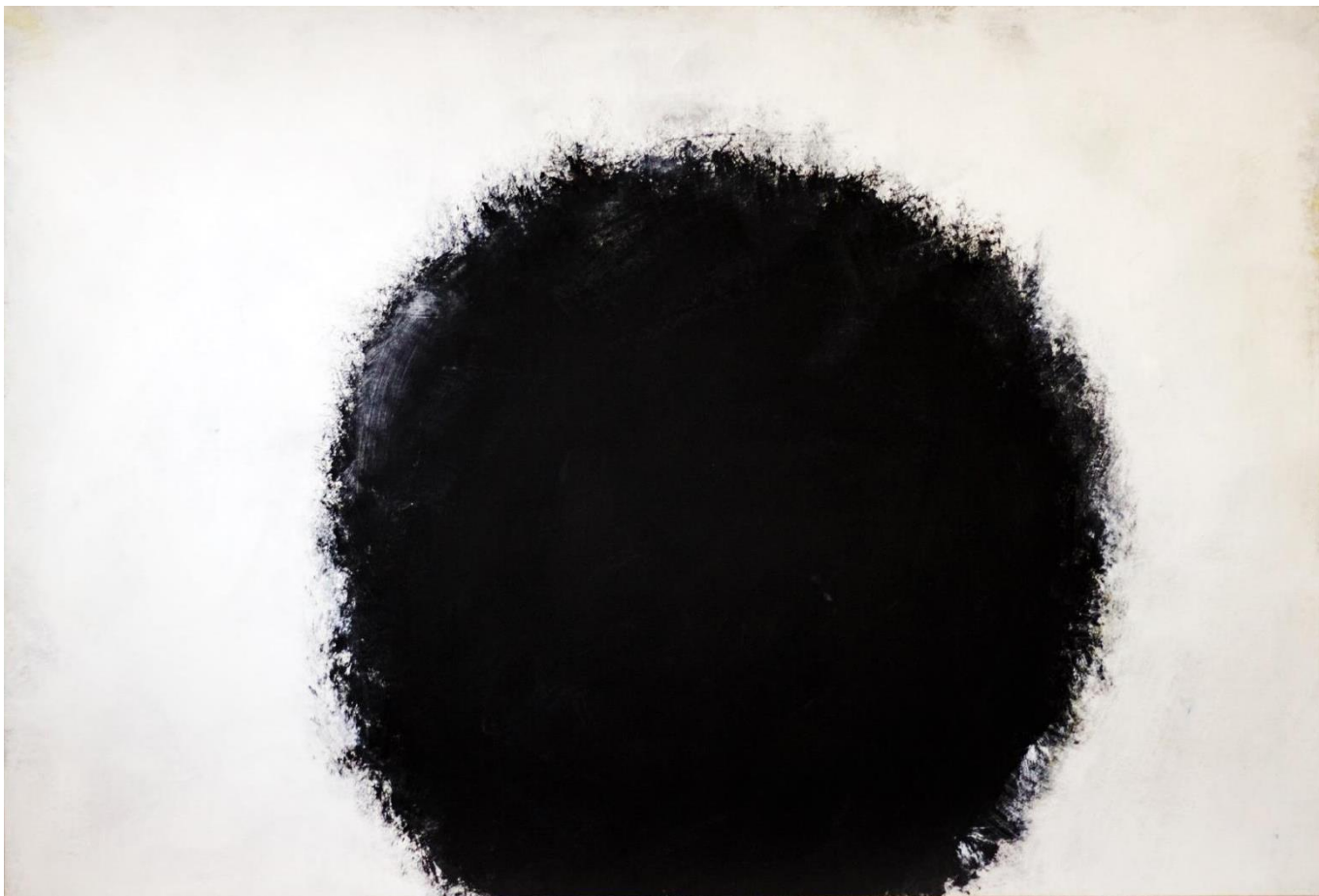




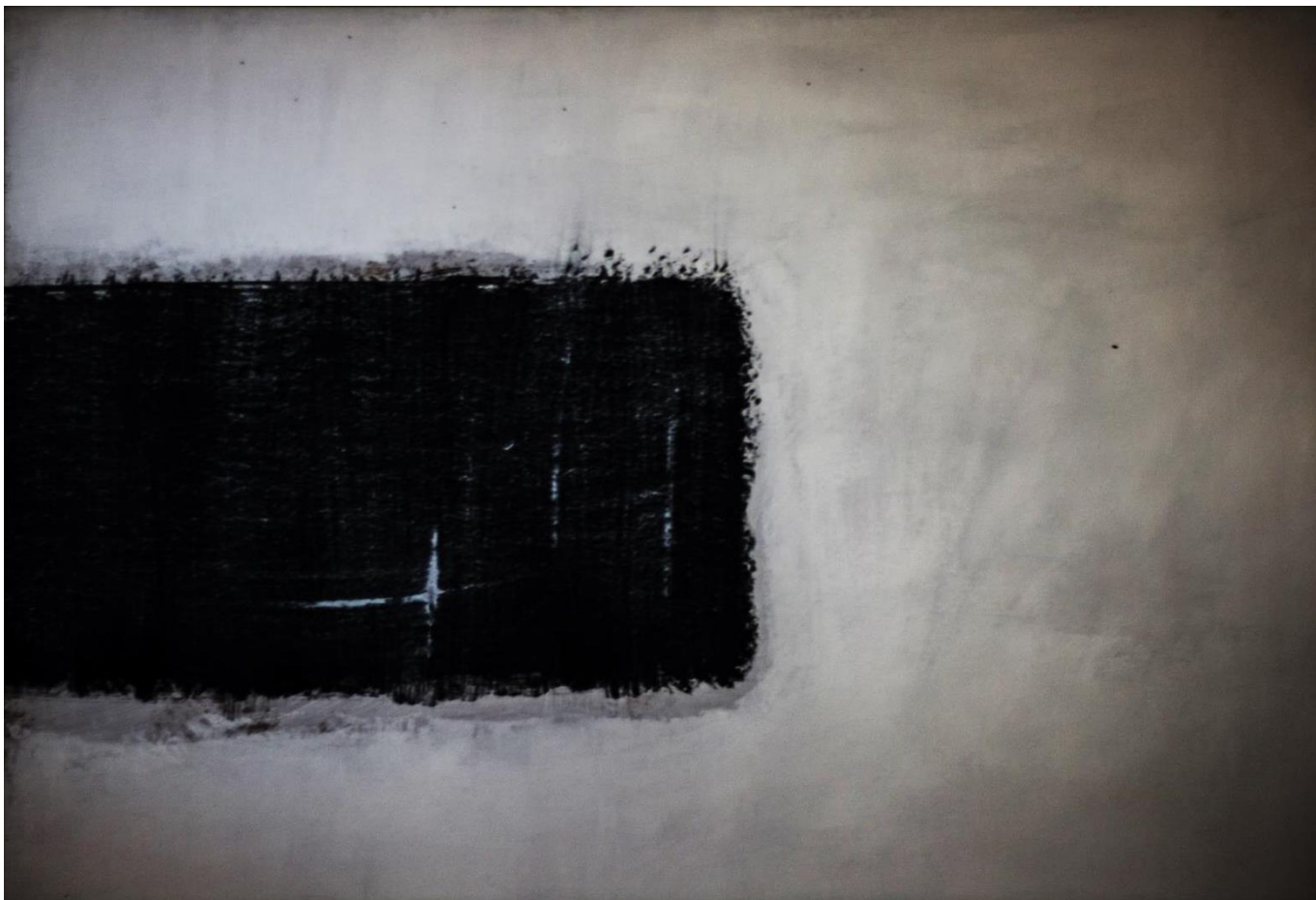
Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.



Detalhe



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.



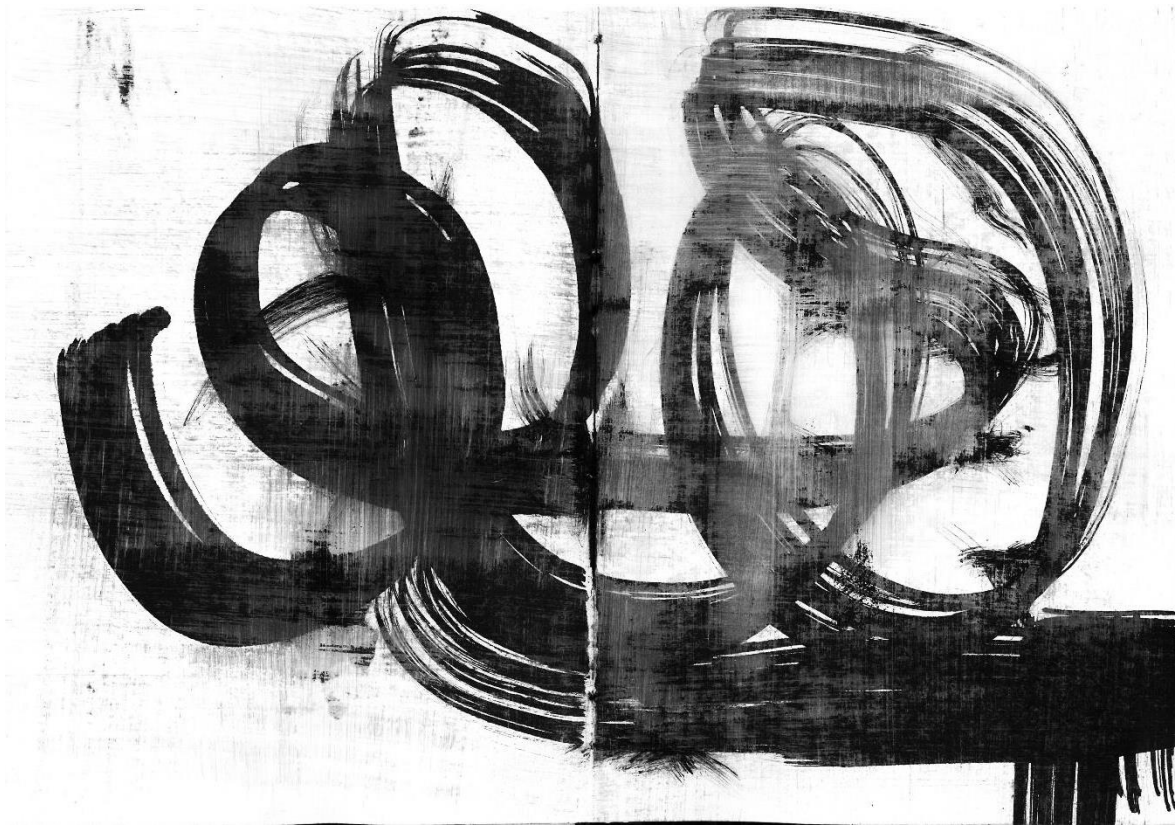
Poder-se-ia pensar em uma contraposição da “memória com o acaso”, a manipulação gestual do acaso. E de certa maneira o desejo inelutável de se esgotar as possibilidades, diga-se de passagem, inalcançáveis - problematizar e revelar imagens. Segundo BELTING:

devemos encarar a imagem não só como produto de um dado meio, seja ele a fotografia, a pintura ou o vídeo, mas também como produto de nós próprios, porque geramos imagens nossas (sonhos, imaginações, percepções pessoais) que confrontamos com outras imagens no mundo visível. (2014, p. 80)

Procurar a imagem é como, por exemplo, tatear na memória ou de certa forma, resistir às que lá já se encontram no papel, não como um fim em si mesmo, mas como meio. Em meio às cores e suas sucessivas camadas, onde pequenos espaços revelam cores que em algum tempo já haviam sido esquecidas durante o processo, porém, é exatamente neste pequeno ponto em luz que surge algo novo, ou não tão novo como se pensava, mas sim, formas em linhas e manchas indefinidas.

Uma nova etapa deste processo é a adição ou o registro com o texto no início ou durante as sucessivas camadas. Algumas imagens são iniciadas sobre textos ou apenas algumas palavras vão surgindo no decorrer do processo, pois, iniciar uma imagem com o suporte ainda em branco é quase um sofrimento, uma angústia, porém necessário. Sentimentos que são

superados com a ajuda de palavras que vêm à cabeça constituindo essas imagens nunca definidas, sempre a finalizar como uma paisagem infinita.



Caderno de anotações, s/título 2015.



Sem título, guache e carvão s/papel, 118,8 x 168,2, 2015.



Sem título, guache e carvão s/papel, 118,8 x 168,2, 2015.

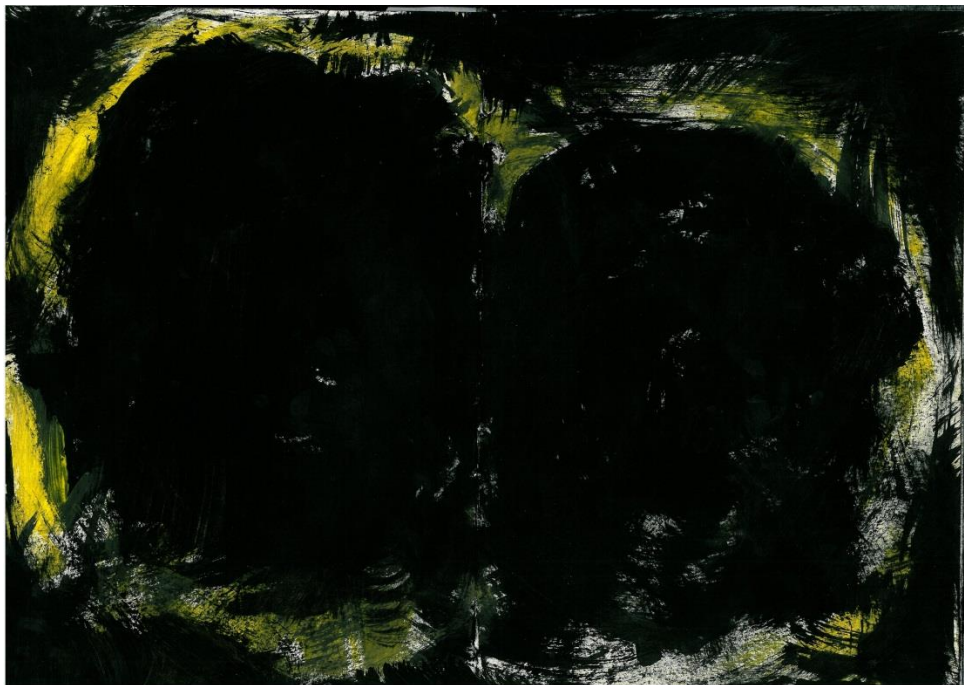




Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.

É o surgimento de uma espécie de balé entre as partes e suas cores, não para tomar a superfície do suporte, mas para uma aliança na busca de revelar o que não é visto, percebido. Suas sucessivas camadas de tinta não definem as imagens como acabadas, mas sim estabelecem e afirmam as possibilidades de imagens em sua formação. Formas que conversam com lembranças e que caminham de mãos dadas com a memória, e ao mesmo tempo tramam uma emancipação, entre ambas, memória e lembrança. Suas cores e formas, indefinidas, entrelaçam-se em diálogos com e para o novo, na tentativa de ocupar seus espaços a uma existência inconstante. Através de explosões de luz em cores, em meio ao branco e o negro intensos, surge o inesperado, formas estranhas em sua maioria, que de certa forma me atraem.

Não cabe dizer que o passado ilumina o presente ou que o presente ilumina o passado. Uma imagem ao contrário, é aquilo no qual o pretérito encontra o agora num relâmpago para formar uma constelação. (BENJAMIM, p. 478-9)



Caderno de anotações, s/título 2015.



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.



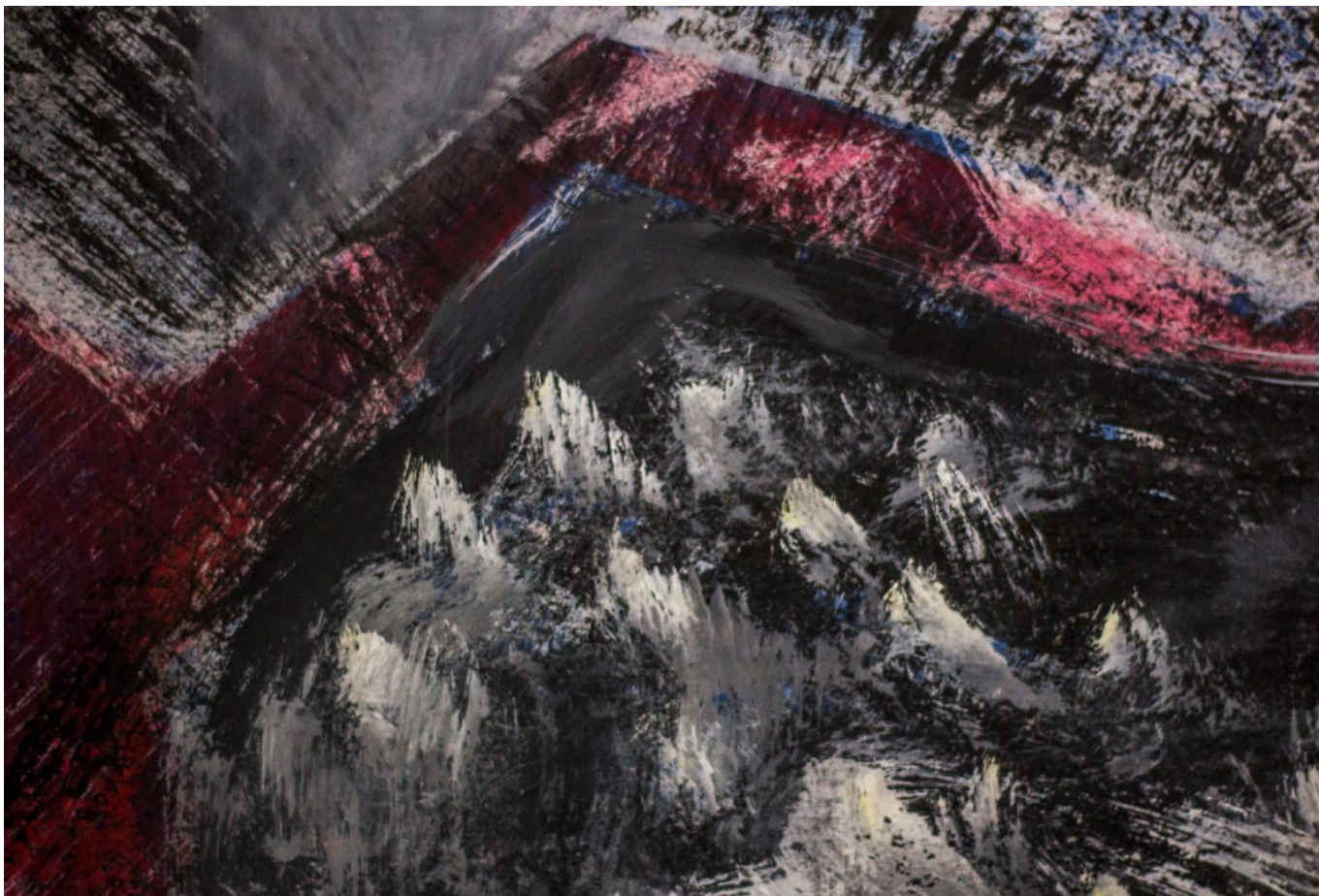


Detalhe



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.





Detalhe



Sem título, guache e carvão s/papel, 2015, 59,4 x 84,1.

Há dentro da própria imagem formas geométricas e abstratas, às vezes, a formação de uma nova imagem, imagens estas que estiveram, estão e estarão na memória como lembranças, lembranças que não são apenas minhas, porque o material tem as suas próprias ou passa a possuí-las. O material toma forma e potencializa sua existência; pequenas explosões de luz em cores surgem de sua profundidade em meio ao negro que nos leva, em alguns momentos, para algo profundo e frio. Tudo isso provoca nosso imaginário. Constantes movimentos causando uma viagem em forma de cores em contínua atração e repulsa, como que surgindo de uma, ou para uma quarta dimensão.

O sentido é a quarta dimensão da proposição. Os Estóicos a descobriram com o acontecimento: o sentido é “o expresso da proposição”, este incorporal na superfície das coisas, entidade complexa irreduzível, acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição. (DELEUZE, 2011 p.20)

Uma dimensão, irracional, que nos leva ao desconhecido em certos momentos, mas que logo estamos prontos, ou quase prontos, não o suficiente para um conhecimento ou reconhecimento de suas particularidades. Somos constituídos de memória, somos constituídos de lembranças; antes as de outros, depois as nossas.





Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.





Caderno de anotações, s/título, 2014.

São os acontecimentos e desses acontecimentos ao movimento, e neste caso ao desenho/pensamento, que nos enriquece o espírito. É neste momento que recorro de leituras importantes na construção destes pensamentos, como textos de FRANCA-HUCHET:

Com o tempo, percebemos que às vezes a arte quer ser a vida, mas a vida é a grande arte da qual nos alimentamos. O tempo passa rapidamente e fazer arte pode ser uma forma de encarar esse mesmo tempo, que nos mantém e devora. (2011, p.36).

São formas, que por um processo lento de significação e envolvimento do corpo, do meu e depois do espectador, são de algum modo fonte de alimento para o espírito e passam a ocupar um lugar em nossa memória. Há outros dois artistas que, a meu ver, abordam em seus trabalhos essa busca pela materialidade de formas fluídas, RESENDE, (ver figuras 3, 4, 5 e 6) que expõe em suas palavras:

Faço arte para me ver no mundo, por instinto de sobrevivência. Através dela aprendi sobretudo o sentido da impermanência e mais, que não há nada além do recomeçar; que a vida com todas suas pulsações está aí e que este é meu grande desafio: estar sempre oscilando entre os extremos, tentando romper amarras e ir além do que conquistei, esgotando-me e renovando-me. (1999, p.21)



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.

O segundo, Fernando Augusto, (Figuras, 7 e 8 ). “A reflexão tem, portanto, uma natureza criativa e crítica na medida em que possibilita ver o que foi feito e gerar novas imagens e significados”. As sensações foram muitas vezes representadas em imagens criadas por Paul Cézanne, como mostram as Figuras 1 e 2, a seguir, pois seu objetivo não era representar apenas o real, mas tornar visível suas sensações. É exatamente essa busca interior, através da pesquisa na natureza e de suas influências pessoais, que me interessa no processo criativo de Cézanne. Em algumas cartas que escreveu Cézanne fala sobre a importância do temperamento pessoal para a constituição do trabalho, onde a expressão do artista é presente em sua obra (CÉZANNE, 1992, p. 26).





Figura 2: A Montanha Sainte-Victoire, Fonte: CÉZANNE, Ano.



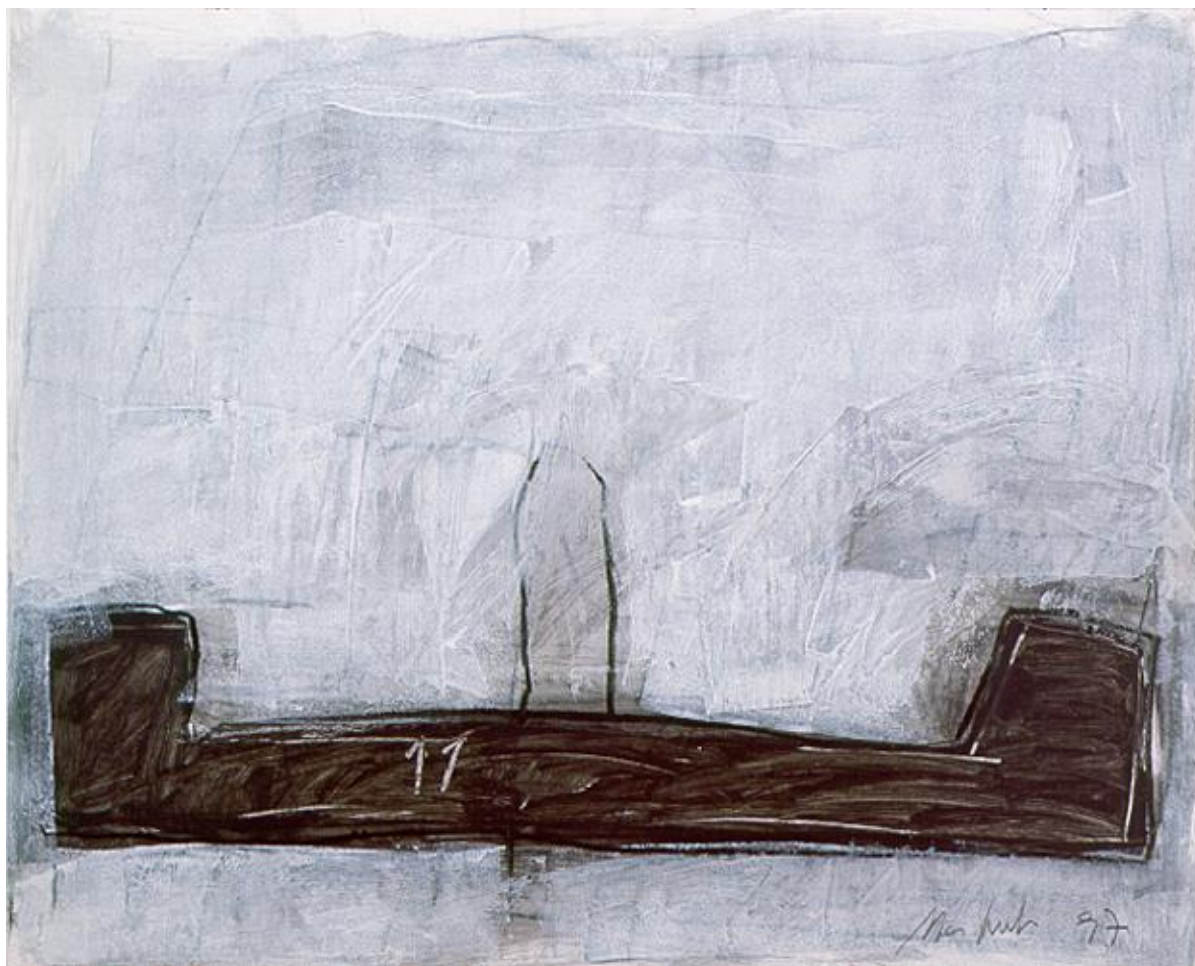


Figura 3: Sem título, Fonte: RESENDE, 2008.



Figura 4: Sem título, Fonte: RESENDE, 2013.



Figura 5: Sem título, Fonte: RESENDE, 2008.





Figura 6: Sem título, Fonte: RESENDE. 2008.



Figura 7: Sem título. Fonte: Augusto, 2013.



: Figura 8: Sem título, Fonte: AUGUSTO, 2013.



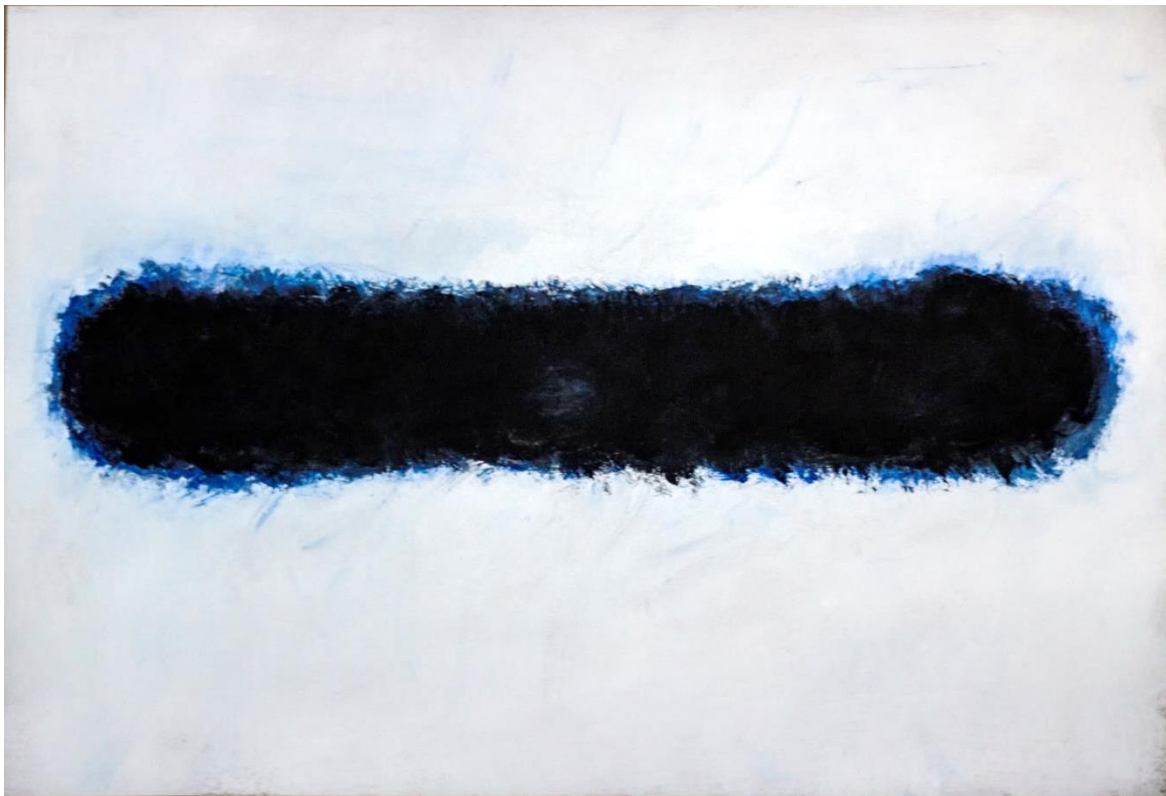
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio não nos traz respostas, porém dialoga com as questões que o trabalho impõe, de modo que surjam mais dúvidas com relação ao resultado ou caminho percorrido, fazendo com que se pense na construção das imagens tanto interna, aquelas formadas em nós, como as externas, que são nossas referências, imagens que nos atingem de tal maneira, que exigem mais de nosso corpo, nos provocam o pensamento, a percepção através dos acontecimentos. São memórias resgatadas e, para além, nos levam a algo que ganhe um novo significado, vida própria, uma concretude e nova materialidade.

Um certo fogo quer viver, ele desperta; guiando-se ao longo da mão condutora, atinge o suporte e invade, depois fecha, faísca saltadora, o círculo que devia traçar: retorna ao olho e mais além. (MERLEAU-PONTY, 2004 p.44)

Isso ainda inclui lembranças de um tempo mais próximo à infância, pois é nesse tempo que ao desenhar me sentia envolvido em um desejo enorme de descobrir os objetos e as imagens a que tinha contato, e que me provocavam, mesmo que inconscientemente. Essas imagens

fazem parte de mim, eu as possuo e por elas sou atraído, levando-me bem próximo a mim e bem mais além ao mesmo tempo.



Sem título, guache e carvão s/papel, 59,4 x 84,1, 2015.



Detalhe

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

BELTING, Hans. *Antropologia da Imagem*. Lisboa, Portugal: KKYM, 2014.

CABANNE, Pierre. Marcel Duchamp: *Engenheiro do Tempo Perdido*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CEZANNE / *Abril Coleções*, Tradução de José Ruy Gandra. São Paulo: Abril, 2011.

CEZANNE, Paul, *Correspondência/Paul Cézanne*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Lógica dos Sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Lógica da Sensação*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos Vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.

FRANCA-HUCHET, Patrícia. *Depoimentos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

KANDINSKY, Wassily. *Do Espiritual na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KLEE, Paul. *Sobre a Arte Moderna*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

MELO NETO, João Cabral de. *João Cabral de Melo Neto, Coleção Melhores Poemas*. São Paulo: Global. 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e o Espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e Criação Artística*. Rio de Janeiro: Campos, 1990.

RESENDE, Marco Túlio. *Depoimentos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999



## Anexo I – Caderno

As próximas imagens são parte do processo desenvolvido no atelier. Considero no ensaio a busca de algo que de alguma forma revelasse, novamente, a alegria no ato de criar e, entretanto, neste percurso surgiram perguntas que foram de fundamental importância no processo de construção e reflexão. Estas imagens levaram-me a questionar o conceito de imagem e suas relações com o corpo.











